

A SITUAÇÃO

JORNAL OFFICIAL, POLITICO E LITTERARIO.

Assignatura

Por um anno . . . 125000
Por seis mezes . . . 75000
Numero avulso . . . 5400

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA EM DIAS INDETERMINADOS

SUBSCREVA-SE NO ESCRITORIO DA TYPOGRAPHIA A' RUA ONZE DE JULHO N. 29.

Não se recebe

ASSIGNATURA POR MENOS DE SEIS MESES

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA

Administração de S. Ex.^a e
S.º General Hermes Ernesto da Fonseca.

EXPEDIENTE DO DIA 8 DE OUTUBRO.

Ao Administrador do Correio, declarando-lhe que as malas que tem de conduzir o vapor Coxipó sejam entregues á Agencia da Companhia Nacional depois de decorridas as horas do estylo.

(Dê-se disto conhecimento ao Agente da Companhia Nacional de navegação á vapor.

— Ao Agente da companhia nacional de navegação, mandando expedir suas ordens para que tenha passagem do porto desta cidade ao do Rio de Janeiro, tres volumes contendo objectos que se destinão á Exposição nacional da corte, os quaes serão para esse fim mandados entregar á bordo pela respectiva commissão directora.

— Ao mesmo, determinando que sejam transportados no paquete do corrente mez, do porto desta cidade até o do Rio de Janeiro, tres volumes contendo objectos que se destinão á Exposição nacional da corte, os quaes serão para esse fim mandados entregar á bordo pela respectiva commissão directora.

— Ao mesmo, mandando proporcionar passagem até Corumbá á familia do Alferes do Batalhão 21 de Infantaria Joaquim Antonio Corrêa de Faria, a qual é composta da sua mulher D. Anna Corrêa de Faria, uma filha de tres annos de idade e uma creada de dez annos.

— Ao Inspector da Thesouraria de Fazenda, transmittindo-lhe, para que tenha a devida execução, as ordens de Thesouro Nacional, bem como, para os fins convenientes, as ordens do Dia do Exercito.

Dia 9

Acto

Abrindo o credito da quantia de 20:952\$200 para pagamento de transportes dados a bordo do vapor Leocadia até a Villa de Corumbá aos Batalhões 19 e 21 de Infantaria, visto como, para esse fim, era insufficiente a quantia de 8:865\$200, restante do credito de 10:000\$000 distribuido para a verba «Eventuais» do Ministerio da Guerra no actual exercicio.

(Fêz-se á necessaria communicação.)

EXPEDIENTE

Ao Commandante da companhia de Aprendizes Marinheiros, mandando verificar o peso da carga dos objectos conduzidos pelo vapor Leocadia de Corumbá ao porto desta Cidade com destino á Fabrica de Polvora do Coxipó, devendo remetter disso conhecimentos em forma e bem assim o attestado de haver recebido taes objectos, declarando se vierão ou não em bom estado e bem acondicionados.

— Ao Inspector da Thesouraria de Fazenda, mandando ajustar contas e passar guia ao Tenente Coronel do 2.º Regimento de Cavallaria Francisco de Paula Camargo que tem de seguir para Assumpção á reunir-se ao mesmo Regimento.

— Ao Inspector da Thesouraria de Fazenda, mandando ajustar contas e passar guia ao Capitão do 13.º Batalhão de Infantaria José Joaquim da Silva, que segue á reunir-se ao seu Batalhão.

— Ao Commandante da Companhia de Aprendizes Marinheiros, remettendo 26 exemplares dos «Contos Biblicos» para servirem na aula da respectiva Companhia.

— Ao mesmo, ordenando proporcionar uma igarité e seus pertences ao Alferes do 1.º Corpo de Guardas Nacionais Decleciano Fausto de Araujo, que tem de seguir destacado para o passo de S. Lourenço, os quaes voltarão com o official e praças que n'aquelle ponto vão ser substituidos.

REQUERIMENTOS

Do Miguel Alves da Cunha, pedindo que lhe seja concedido, a titulo de venda, um terreno á margem do rio Cabçal — no lugar denominado — Bahia rica. —

Avista da informação não tem lugar o que requer.

— Do Alferes do Batalhão n.º 21 de infantaria, Manoel Benedicto de Souza, pedindo por adiantamento o abono de tres mezes do soldo.

Abone-se ao supplicante os tres mezes de soldo por adiantamento para o fim que requer, devendo ser-lhe depois descontado na forma da lei.

— De Antonio Romualdo da Silva Pereira, pedindo que pela Repartição competente se lhe mande pagar a quantia de 9:952\$200 importancia de passagens dadas no vapor Leocadia, de cuja empresa é socio caixa, até Corumbá a officinas e praças do Batalhão 21 de Infantaria.

Deferido por acto desta data, e remettido á Thesouraria de Fazenda para os fins convenientes.

— De Anna Luiza de Lima, pedindo concessão do terreno devoluto á rua do Major Gamana Villa de Corumbá.

Deferido á vista da informação do Commandante da Fronteira do Boi-zo Paraguay.

A SITUAÇÃO.

CUYABA, 5 DE NOVEMBRO DE 1875.

Com o nosso pequeno reparo acerca de uma felicitação apresentada pela folha liberal em seu n.º 213 de 24 do mez proximo passado a A. Bueno « pelo interesse que a bem do adiantamento e prosperidade da provincia de Mato-grosso ha o *Noli me tangere* progressista manifestado nas columnas do *Liberal* » segundo a vulgata, no espaço de dois annos; sahio no domingo ultimo o digno amigo de A. Bueno com a sua linguagem costumada, propria de uma *capacidade*, não das brenhas, como com toda delicadesa qualifica a da *Situação*, mas sim do mais *crudito e civilizado* cavalheiro do Illo do Janeiro, do mais importante filho de sol, contestando-lhes com toda força da sua *logica impo-nente*, o direito que nos assiste em oppormos os mais justos embargos á uma tal violencia.

Suggestiu-nos esse pequeno reparo um periodo que trouxe a tal felicitação do *Liberal*, relativamente aos tres Vereadores que não concordaram com a idea emitida pelo Sr. José da Costa Leite Falcão Filho na sessão em que se tratava do Matadouro publico desta Capital.

« Porque votariam, diz o periodo a que nos referimos, contra tão nobre idéa esses tres vereadores, que, segundo nos consta, tanta *beleuma* não levantado pelo *apetecimento* da proposta ?

« Será porque o Dr. Carrilho tem dado provas de *intelligente* de *caracter*, *illustração* e *pulcritude*, porque não se condemnou as *gras* traçadas pelo *caracter* tão *ideatrado* ?

« Isso é tão indecente, tão irrisório e digno de lastima, depuam tanto contra a imparcialidade dos tres vereadores representados, que não se commenta... »

Esta hypothese é inadmissivel. Ninguém diria, á excepção d'aquelle que pôz a sua palavra ao serviço do Sr. de Agnapehy, que o Sr. Dr. A. G. de Carvalho tem mais integridade de caracter e patriotismo que os Srs. Gabriel de Sousa Neves, João Carlos de Pinho e José Joaquim Paula.

Essa divergência na votação de uma felicitação sem nenhuma razão de ser, não devia ter provocado tão duras e impolidas expressões ao mais sábio e delicado filho do Rio de Janeiro, que, não sabemos por que, tanto se tem aferrado a estas bronhas inhospitas, onde tudo representa a mais supina ignorancia e densas trevas na sua opinião.

Despresando, como até então temos desprezado, estas cousas com que o filho do Rio de Janeiro tem abarrotado um organ de publicidade desta provincia, declinamos simplesmente o artigo para o lado do merecimento da felicitação, e então dissemos que o Sr. bacharel Carvalho nada mais tinha feito do que concordar com aquillo que todos nós queremos, isto é, a via de comunicação com a capital do Imperio, independente do Rio da Prata, proposta esta apresentada ao Governo Imperial pelos Srs. Andreas, S. Vicente, Melgago, Coronel Peixoto e outros em diversas occasiões.

Dariamos uma triste idea da nossa individualidade, se tivéssemos a leviandade de suppor que tão distinctos personagens não fundamentassem a sua proposição demonstrando ao Governo a vantagem politica, economica e estrategica dessa comunicação.

Se nem todos opinaram pela via ferrea é por que não estava o organo geral nas condições de hoje, e nem tão em voga estegrande melhoramento como tem attingido nestes ultimos annos.

Qual a inconveniencia portanto que resultaria de uma tal ou qual deferencia por parte da redacção do *Liberal* para com aquelles Vereadores que negaram o seu voto á felicitação do bacharel Carvalho?

Uma unica se nos offerece á consideração, e essa de nenhum modo pôde ser favoravel ao *Liberal*, por isso que a questão é inteiramente politica; e assim como os Srs. Barão de Agnapehy e bacharel Carvalho não poderão jamais nos acompanhar na politica que professamos, assim tambem seria uma impertinencia, e exigirem, sem a minima consideração e respeito, aquelles votos a favor de um tenaz adversario e por motivos inteiramente politicos.

Esse inconveniente, repetimos, talvez fosse o recio por parte da redacção do *Liberal* em não cumprir exactamente com as obrigações que lhe pesão hoje nesse encargo, in-

pastas quem sabe si na mais apertada circumstancia?

Outro não encontramos que justifique semelhante procedimento, salvo si o redactor do *Liberal* desconhece inteiramente os seus deveres e os nossos direitos, e neste caso corre-nos a obrigação de estigmatizar o partido que tão rudemente procede já para com aquelle que não está no caso de represental-o em seu organ e já para com os seus adversarios e o publico a quem deve alguma deferencia na exposição das suas idéas.

Asseguramos ao *Liberal* que a integridade de caracter do Sr. bacharel Carvalho não podia ser a causa d'aquella negativa por parte dos tres vereadores, por isso que ignaes sentimentos nutrem os nossos amigos, e tão distincto é o Sr. bacharel Carvalho no seu juizado de direito como são os Srs. Souza Neves, Pinho e Paula nos cargos para que foram eleitos.

Os mesmos direitos que tem o Sr. bacharel Carvalho, quer como cidadão quer como magistrado, tambem assistem aquelles nossos amigos nos cargos que occupam e como cidadãos.

O partido liberal não pôde extorquir-lhes o voto em favor de um seu adepto, e nem tão pouco tratá-los com tanta descortezia como tratou, por terem exercido uma prerogativa incontestavel e incontestada, que lhes conferem a consciencia e o dever.

E o que dissemos em troca de tão *sui generis* artigo da opposição?

« Que na nossa humilde opinião A. Bueno pouco tem feito alem do que já se disse acerca dessa comunicação, quer official, quer particularmente. »

« Que se uma recopilção desses trabalhos, esparsos por ali em diversos documentos officiaes, mercia os encomios de — alguns — membros da municipalidade, quaes os louros que deveriam cingir as frentes d'aquelles que tão patrioticamente iniciaram essa idéa? »

E finalmente contando com o bom senso a que incontestavelmente tem jus o bacharel Carvalho, dissemos que A. Bueno não receberia de muito bom grado essa peça official, por isso que tem consciencia do seu trabalho. »

O *Liberal* que tanto falla em desfructo, e que provavelmente deve conhecer a accepção do termo em todas as suas variantes, não devia abusar tanto dessa palavra, maximamente todo reversivo.

« Ninguém affirmou, diz o *Liberal* de domingo proximo passado, que nos consta, ser A. Bueno (como quer a *Situação*) o iniciador de uma idéa nova; seja tambem quem faça a luz e deixe de concordar com o que todos querem;... »

« mas não se seguiu d'ahi que não tenha prestado um valioso e importantissimo serviço, não só á provincia, como ao paiz em geral, escre-

rando com preterição talvez de interesses que lhe foram mais de perto, consentidamente na imprensa, ha cerca de dois annos, no intuito de serem attendidos pelo governo os seus patrioticos reclamos »

Ora, se A. Bueno, como com toda a franqueza affirmo o *Liberal*, não iniciou uma idéa nova; não fez a luz, e nem tão pouco conquistou, com os seus artigos, celebridade alguma quer no mundo litterario, quer no mundo scientifico;

Si apenas o bacharel Carvalho concorda, em seus artigos no *Liberal*, com o que todos querem; quaes os titulos pois que o nobilitam para ser-lhe offerecida pela camara municipal conservadora a mais bizarra felicitação?

Concordamos em que o Sr. bacharel Carvalho tenha lançado os bofes pela bocca com o tanto escrever acerca da via ferrea desta capital ao Rio de Janeiro; o que pôde judicar tudo isso alem dos seus bons desejos?

Nada absolutamente; porque independentemente dos seus artigos no *Liberal*, já o Governo mandou á esta provincia uma commissão de engenheiros estudar o traçado da via ferrea desta capital á Lagoinha de cima, em consequencia, não dos artigos de A. Bueno, mas da lei provincial n. 10 de 30 de Junho do anno proximo passado.

Não obstante o que, diz com toda sem cerimonia o *Liberal* a que nos referimos:

« no entanto, os que deviam ser mais interessados em promover os melhoramentos da infeliz Mattogrosso, como por exemplo, os que a representam no parlamento, aquelles que tem estado á testa da sua administração, e os que della são naturaes — nada absolutamente tem feito digno de menção, conservando-se neste torpor marasmatico, aqui endemico, permanecendo mudos como as mumias, ou esses criados que a redacção curvada tanto conhece etc. etc. »

Sobre todo este topico damos vista para responder ao Sr. Barão de Agnapehy e ao partido liberal que, no periodo de desenove annos occuparam todas as camaras municipais da provincia, os corpos legislativos provinciaes e a administração da mesma provincia.

E por que não temos portador seguro que leve o libello do *Liberal* ao Dr. Cactano Xavier da Silva Pereira, recommendamos ao Sr. de Agnapehy que os remetta conclusos aos seus Assis, Couto Magalhães e Correa, de Lamas e Delinos & C. & C., ficando S.S. com o parte mais que lhe toca, quer como administrador que foi desta terra, quer como natural della, a guardando outra para, pelo primeiro portador seguro, remetter ao distincto finado Tenente Coronel Albano, não se esquecendo de entregar ao Dr. Firmo a que poderia tocar ao Tenente Coronel Arruda, e

aos brigadeiros Alexandre José Leite e Albino de Carvalho.

Si o *Liberal* com esta cincaida não dá a prova mais cabal do seu desfructo, não sabemos que nome merece o seu artigo editorial.

Diz mais a folha do Sr. Barão de Agnapehy que « não conhecemos difficuldade para passar e ir vivendo, embora para isso seja mister racher a espinha dorsal ou morrer com os labios sellados aos pés do qualquer librego que nos possa atirar uma esmola, ou as migalhas de sua mesa, em troca de uma baixeza. »

O Sr. Barão de Agnapehy e o *Liberal* sabem que o humilde redactor desta folha tem uma posição definida na sociedade e meios sufficientes para manter-se com aquella dignidade e independencia compatíveis com o seu estado; e que essa posição, embora ja dicesse o *Liberal* que fora ganha com mil baixezas, escusa-lhe de mendigar favores, que enrubesceriam-lhe as faces, se os recebesse conditionalmente e com detrimento de sua honra.

Si uma ou outra individualidade, despeitada por motivos inconfessaveis, tem tido o arrojo de atirar-nos pelo jornal um insulto, ou uma provocação estúpida, com linguagem boçal e propria somente das immundas tascas, isso pouco importa para quem tem consciencia de si e é conhecido de toda esta sociedade.

Não fomos convidados pelo chefe do partido conservador para redigir este jornal; não recebemos luvás, vencimentos, subsidio, ordenado ou o que melhor nome tenha, em troca de nossas idéas, subordinando-as ás considerações de lucro: logo não nos podem tocar as amabilidades com que somos constantemente aggrêidos pela redacção estipendiada pelo Sr. Barão de Agnapehy.

GAZETILHA.

Cargos policiaes. — Por acto da presidencia de 20 de Outubro proximo passado foram nomeados:

O cidadão Izaías Joaquim Guimarães para o logar de delegado da policia da Villa de Santa Anna do Paranahyba e para 1.º supplente do mesmo, o cidadão Antonio Branco de Oliveira.

Para 1.º supplente da delegacia da Villa de Miranda o 2.º dito, cidadão João Luiz da Fonseca;

Para 2.º supplente da mesma delegacia o 3.º dito, cidadão Joaquim do Costa Pereira;

E para 3.º supplente o cidadão José da Silva Albuquerque.

Por acto do 20 do mesmo mez, foram nomeados o cidadão Pedro Correa do Couto para o logar de delegado da policia da Villa do Rosa-

rio do rio acima e para 2.º supplem-
ta o cidadão Generoso Alves Cor-
reia.

31 mil contos. — Foi quanto
rendeu a provincia de São Paulo no
ano proximo findo.

Caminhos de ferro. — O Bra-
sil conta 1000 kylometros de cami-
nhos de ferro, sendo 354, kylome-
tros mais ou menos pertencentes ao
Rio de Janeiro.

Ha vinte annos pouco mais ou
menos que se inaugurou a primei-
ra via ferrea no Brasil.

Mar artificial. — Mr. Lesseps
o empresario e autor da grandiosa
obra do canal de istmo de Suez
trata agora da creação de um mar
artificial no interior da Africa. A
sua extensão será de 350 leguas
quadradas.

Entre as immensas vantagens
do projectado mar é muito impor-
tante a attenuação do siroco que é
ocasionado pela secca das areas
principalmente. Alem disso ter-se-
ão 350 leguas de caminho pelo in-
terior de regiões quasi desconheci-
das e a Argelia sob a influencia
da grande massa d'agua se con-
terá na região mais temperada
aliciosa do mundo.

Crise commercial. — Parece
que a crise porque estão passando
as principaes praças commerciaes
dos paizes da America do sul tem-
se extendido á muitas praças com-
mercias da America do Norte e até
da Europa.

Em Nova York fizeram ponto 16
casas commerciaes, sendo 3 banca-
rias, e quebrarão 8; em Londres fi-
zerão bancarota 46 casas commerciaes,
girando com 50 mil libras a
de menor capital; em Liverpool e
Manchester tambem se havião dado
muitas quebras.

Proposta. — Um estrangeiro
que actualmente se acha nesta ca-
pital pensa fazer uma proposta ao
Governo provincial para a illumi-
nação desta cidade: vimos as bases
e parecem-nos mui accetaveis.

Correios. — É um dos ramos da
administração que muito tem cha-
mado a attenção do Ex.^{ma} Sr. Pre-
sidente da Provincia; e consta-nos
que tenciona estabelecer um servi-
ço regular de postas para alguns
pontos principaes da provincia.

Dia de fogo. — Em Nova York
no dia 29 de Junho do corrente an-
no marcou o thermometro á som-
bra 112.º Fahrenheit, foi o dia mais
caloroso que tem experimentado
os norte americanos, há cincoenta
annos.

Terremoto. — A aldeia de Be-
jeia em Austria foi victima de um
terremoto; quasi todos os habitan-
tes se salvarão, porque o terremoto
foi precedido de grandes estrondos,
que se assemelhavão á tiros de ar-
tilharia de grosso calibro.

Mudança de clima. — Affir-
ma Mr. Lesseps que depois da ab-
ertura do canal de Suez cabe repeti-
das chubvas no Egypto em lugares

em que antes da abertura do canal
nunca tinha chovido.

Desordens. — A' 31 do mez
findo foram presos em flagrante por
desordens Augusto J. Ferreira e
Cosmo Ferreira da Silva.

Diligencia. — No dia 1.º do
corrente sahio para o outro lado do
rio uma escolta de praças de policia
e guarda Nacional: ignoramos seu
fim e destino.

Baile. — Pessoa bem informa-
da nos afirma que em dias deste mez
teremos um baile e que no dia 2 de
Dezembro teremos outro, ambos
dados por pessoas bastante caracte-
ristadas e altamente collocadas.

Vapor Coxipó. — Tinha ficado
em Assumpção para trazer a mala
do Rio de Janeiro, que alli devia-
tor chegado no dia 22 pelo vapor
Jaurú; assim é que deye ser espe-
rado aqui de hoje até amanhã.

Movimento da Cadea. — E-
xistião..... 40 presos
Forão presos..... 5
Forão soltos..... 3
Ficão existindo..... 42

Transcrição. — Lê-se na Na-
ção de 16 de Agosto ultimo, o se-
guinte:

« Os oradores liberaes do senado
que julgaram dever tomar a si a de-
feza da politica argentina em rela-
ção ao Paraguay devem ler a se-
guinte correspondencia de Monte-
videu publicada no *Jornal do Com-
mercio* :

Montevideo, 10 d'agosto de 1875.

« Tem sido lida com extraordi-
nario interesse a importante dis-
cussão que houve no senado a pro-
posito das questões do Rio da Pra-
ta, a qual, vertida em hespanhol,
foi publicada em alguns jornaes
desta cidade, e em todos os de Bu-
enos Aires, que unanimemente ap-
laudiram a attitudé da opposição
liberal no acropago brasileiro. A voz
autorizada do Sr. conselheiro Na-
bucor, principalmente, encontrou
um echo sympathico não só no gru-
po de estadistas que dirigem os des-
tínos da Confederação, como no cir-
culo que apoia a politica definida
da absorção do Paraguay. *Nora*
*em duente será diffícil ao Brasil tra-
zer o governo argentino á uma dese-
juada conciliação, no interesse geral.*
Elle persistirá nas suas preceções e
*não tardará a formular novas exigen-
cias, contando com o apoio de uma*
parte da opinião publica de nosso paiz.
O effeito desta discussão não se fez
esperar. O mesmo governo, que me
consta respondera a nota brasileira
*de 18 de Julho em termos amigá-
veis, lamentando de alguma ma-
neira a precipitação do seu envia-
do, o Dr. Tejedor é o proprio que*
*no dia 29 de Julho, logo apoz a pu-
blicação dos discursos que lhe davam*
razão, o applaude em uma nota pelo
elevado patriotismo e illustração, de
que dera prumos na mul inspirada
negociação, que tão doplornel exito
teve. Ainda mais, a hesitação que o
presidente manifestava em aceitar pa-
a a pasta de estrangeiros D. Berna-

do de Frigoyen, que vai augmentar na
administração a influencia de Alaina,
paladino da guerra, desruncen-se co-
mo por encanto e este candidato effi-
cientemente entra para o ministerio.
Suas palavras no aceitar este hon-
roso cargo, são de paz, porém, nunca
desconfio mais das intenções dos
homens do governo do que quando
fazem repetidos protestos de ami-
zade.

« E realmente o que se continia
a observar não é para tranquilisar-
nos. O ministerio da guerra e ma-
rinha só se preoccupa de armar o
paiz e augmentar seus meios de de-
feza, e do ataque. Ninguém o cen-
sura por isso; ao contrario, a im-
prensa pode ao congresso que sub-
vencione o periodico *La Revista Mi-
litar*, para assegurar-lhe a existen-
cia, necessaria á instrucção da clas-
se militar, e esta proposta é rece-
bida com geral agrado.

« Uma commissão de engenhei-
ros militares percorre toda costa ar-
gentina banhada pelo Uruguay,
escolhendo pontos fortificaveis; ou-
tra sobe este rio e inspeciona des-
fargadamente a nossa fronteira, o
que não é para admirar que passe
desapercebido das autoridades lo-
caes, quando mesmo nessa corte se
acha ha mais de dois mezes um al-
lemao, chefe das obras do arsenal
de Zarate, examinando os nossos
meios de defeza.

« Successivamente tambem es-
tão chegando navios carregados de
armamento, e aguarda-se com im-
paciencia a vinda das novas canho-
neiras lançadas ao mar na Ingla-
terra, com formidaveis peças de 26
tonnelladas, capazes de perfurar cha-
pas de 14 pollegadas.

Pode ser que tudo isso nada si-
gnifique, mas é meu dever instruir
o paiz do que se passa por cá. Res-
peitando as opiniões dos illustra-
dos senadores que se manifestaram
em completo desacordo com as
apreciações que tenho feito cons-
tantemente sobre a questão brasilei-
ra-argentina-paraguaya, não posso
calar a impressão que senti vendo
homens tão eminentes pronuncia-
rem-se por aquella forma, em mo-
mentos como os que atravessamos.
Sei perfeitamente que elles serão os
primeiros a agrupar-se em torno do
governo, em exercer a sua influen-
cia entre seus concidadãos, que os
presam, no dia em que a honra na-
cional for offendida, para apresen-
tar o Brasil unido em frente ao es-
trangeiro audaz que o provocar, mas
sei tambem que no Rio da Prata não
se pensu assim, que mais de um pla-
no de guerra contra o Imperio se fun-
da na descuberta ideia de encontrar
entre nós o apoio do partido republi-
cano e liberal, quer por meio de uma
alliança para constituir em pequenas
repúblicas as provincias do sul, quer
por meio de uma opposição systemati-
ca ás medidas necessarias para fazer
a guerra com vigor, o que conduziria
ao mesmo resultado. Este pensamen-
to irrisorio é acariciado por mais de
uma cabra solida nestas regiões. Di-

versas vezes o tenho ouvido nas
conversações intimas, em que em tom
de burla se dizem grandes verdades.
Ao grito de independência do Rio
Grande e emancipação do sul... supõe
muitos argentinos que a guerra ao
Brasil será um passeio triumphal
desde Uruguayana até á provincia do
Paraná.

« Ora, as palcoas da distincta op-
posição liberal do senado, exploradas
com a habilidade e machiavelismo do
partido de guerra da confederação,
vai fazer crer que realmente estas ex-
peranças não são infundadas, e de-
ram a este partido uma arma formi-
davel para desenvolvimento de suas
intrigas.

« Eu devo fallar com esta fran-
queza, embora provoque recrimi-
nações que já me têm produzido
desgostos. Encarando estes nego-
cios em face dos interesses nacio-
naes, sem preoccupações de parti-
do, manifesto sempre o meu pen-
samento com aquella liberdade e
isenção de espirito que dá o estudo
calmo e reflectido das questões.
Quando ainda se desenlava em ho-
rizonte longinquo, e apenas como
um ponto imperceptível a guerra
com o Paraguay, chamei nestas
columnas repetidas vezes a atten-
ção do governo e do paiz para este
ponto; quando na camara dos Srs.
deputados uma imprudente inter-
pellação creou a necessidade de in-
tervenção no Estado Oriental, es-
forcei-me debalde por fazer ver a
exageração dos factos denunciados
e o perigo dessa intervenção, que
a debilidade do governo na respos-
ta áquella interpellação tornou in-
dispensavel. Si me tivessem pre-
stado attenção, ou a guerra não vi-
ria, ou a teriamos feito com mais
rapidez e com menos sacrificios.
Tenho direito de externar esta pre-
sumpção, e de estar persuadido de
que hoje, como então, a razão acha-
se commigo.»

Na mesma correspondencia lê-se
o seguinte:

« A questão argentina-chilena
apresenta um aspecto mui desagra-
davel. Longe de ter sido desappro-
vado pelo governo do Chile o pro-
cedimento do seu digno represen-
tante, o Sr. Blest Gana, no protes-
to que apresentou ao governo ar-
gentino, aquelle governo parece
disposto a sustental-o, como se
deprehende do seguinte artigo do
diario *El Independiente*, que se pu-
blica em Valparaiso:

« O governo do Chile nada mais
tem que fazer em Buenos-Ayres.
« O protesto formulado pelo seu re-
presentante no dia 16 do pa-
« foi a sua ultima palavra; porém,
« se nada tem que dizer em Buenos
« Ayres, onde foram repetidas vezes
« prepostas, alguma cousa tem que
« fazer no Chile, em conformidade
« ás suas proprias declarações e em
« resguardo da honra nacional. Si
« que em repetidas occasiões se no-
« tificou áquelle governo a deter-
« minação em que está o Chile de

« não consentir nenhuma acção jurídica, nacional daquella paz ao sul da « rio Santa Cruz, deve tomar as « medidas convenientes ao mais « exacto cumprimento da sua declaração, usando, se chegar o caso, « da força para reprimi-los que pretenderem burlar-a.

« Confessamos que não podemos « pensar, sem profunda tristeza, « nas eventualidades que prevemos; « porém, muito mais doloroso nos « seria aceitar como juiz ao gover- « no de Buenos-Aires nas questões « que com elles sustentamos, o ver « que se fizesse tanto caso das declarações do Chile como das fanfar- « ronadas ridiculas de um hystrião.

« Em duas palavras: si se con- « siderar attentamente os ultimos « successos, que vieram dar um no- « vo gyro á nossa questão de limi- « tes com a Republica Argentina, « ter-se-ha de confessar que nos en- « contramos com aquelle paiz em « estado de guerra declarada e im- « minente, no espaço comprehendido entre o Rio-Negro e o Cubo « de Horn. Nesse espaço, o gover- « no argentino, para cumprir a lei « que o congresso acaba de appro- « var, deverá exercer em breve ac- « tos repetidos de verdadeira jurisdic- « ção, actos que por outra parte o « Chile se acha no imprescindivel « dever de impedir e reprimir por « meio da força, se não quizer que « as suas declarações e protestos « sejam objectos de escarneo para « o mundo inteiro.

« Estamos, pois, em guerra, o « em guerra declarada, ainda que « circumscripção por ora a uma de- « terminada região do territorio pa- « tagonico. Nada mais diremos, « porque nos parece que a simples « enunciação desta verdade basta- « rá para mostrar ao nosso gover- « no quaes são as obrigações que el- « la lhe impõe, e quaes as medidas « que deve tomar para corresponder « ás esperanças do paiz.

« A este bellico artigo respon- « deu o Nacional de Buenos-Ayres com algumas palavras provocado- « ras, como é de seu estylo, embora depois se veja obrigado a recuar »

TRANSCRIPÇÃO.

Artigos politicos

XII

O MINISTERIO 7 DE MARÇO

Nunca dissemos que o ministério 7 de março fosse impeccável. Semelhante arguição que alguém já nos fez, revela má fé, ou ignorância do que escrevemos.

O que affirmamos com a mão sobre a consciência, e nos é grato repetir, é que os homens que compuzeram tal gabinete eram dignos de toda a estima e respeito, não só pelos seus talentos, como pelas suas virtudes, e que a sua administração foi sempre justa e equitativa.

Póde-se não ser esta uma linguagem lícita, por parte de um jornalista?

politica de certa escola. Mas seguramente que é digna de ser ouvida, porque é esta, e não o testemunho de uma modesta partidaria, que, por pouco usada, não é credora de censura.

Pensam connosco muitos liberais. A sinceridade não exclue o respeito e a justiça que se deve ao adversario, e assim procedem alguns de nossos amigos na tribuna parlamentar, e na imprensa politica; assim procedia aquelle que foi ainda hontem levado á sepultura no meio do pranto geral e cujo amor á patria, cuja bravura nos combates, cujas virtudes civicas e privadas, constituem o mais bello exemplo que um homem póde deixar aos seus. Referimo-nos ao conde de Porto-Alegre.

O illustre Rio-grandense foi sempre liberal-firme, o homem leal e desinteressado. Muitas vezes veio á camara, e feriu batalha no terreno das ideias. Pois sua palavra nunca se poz ao serviço da injuria nem da mentira; seus labios jamais articularam uma expressão que podesse ainda ao de leve molestar o adversario.

E porventura alguém o exproba por isso? Ao contrario, já era cadaver o illustre conde, quando nós ouvimos encarecer essa nobre qualidade, e reproduzir esse elogio, tanto mais espontaneo e desinteressado quanto partia de conservadores extremados.

Nós portanto não recuamos o juizo de ninguém. Somos liberais; nossas ideias são as mesmas que figuram no programma do nosso partido, salvas algumas restricções; respeitamos quanto se póde respeitar os merecimentos e as altas virtudes de nossos amigos politicos, temos até por alguns delles verdadeira dedicação, mas isto não embarga que antes de tudo sejamos justos com o adversario. Contem-nos, si acatcer que não dignos a verdade.

Quando formos exagerado, mostrem onde a exaggeração. Mas emquanto isto não fizerem, e pelo contrario a razão e a justiça mostrarem-se do nosso lado, reconheçam que danos com estas paginas exemplo digno de ser imitado.

Por que exonerou-se o ministério do Sr. visconde do Rio Branco? Esta pergunta que se fez immediatamente no parlamento, e que teve prompta resposta, nos suggere mais de uma reflexão.

E' fora de duvida que, além das causas indicadas no discurso do honrado ex-presidente do conselho, outras concorreram para semelhante desfecho. Nem a estima e o respeito que votamos aos dignos ex-ministros são motivos para que occultemos nossas opiniões a tal respeito.

Um governo que se exonera nem sempre póde expor perante as camaras toda a verdade das occorrenças. Ha causas que são transparentes, que importam franca explicação no parlamento, e que os seus membros, com o minimo de conve-

niente levam na hora aprazada para á tribuna. Mas ha circumstancias, factos de natureza tal, que apresentando-nos n'um debate solenne e publico, seria altamente prejudicial, e sem nenhum interesse para a sociedade nem para o systema que nos rege.

Não affirmamos, mas nos quer parecer que, além das explicações dadas no parlamento, outros factos occorreram nos ultimos tempos; que trouxeram como consequencia necessaria a solução do 25 de Junho.

Em primeiro lugar é forcoso confessar que o ministério 7 de Março devia sentir-se cansado, cheio de tribulações e de contrariedades.

Não se governa tanto tempo sem se pagar á contingencia humana doloroso tributo. Não se vive atado por tanto tempo ao estudo e trabalho sem se experimentar, mais cedo ou mais tarde, as naturacs consequências de uma vida afanosa e agitada. Não se affronta e não se trava luta renhida com a má fé, com odios inveterados, com velhos prejuizos e ruins preconceitos sem se sentir todos os phenomenos de prolongada actividade e os amargores da injustiça. N'uma sociedade como a nossa em que duvida-se de tudo e falla-se de todos, em que barateia-se impunemente a honra e a probidade de qualquer cidadão, o homem politico que tiver brios e consciencia ha de desfallecer muitas vezes diante da maldade e da aggressão.

Depois, a situação se tornará difficil pelo lado politico e pelo lado economico. A verdade é esta, embora doa lembrar, que foi exactamente quando a existencia desse ministério nos era mais cara, que os desastres se accumularam.

Accresceram á isto questões incandescentes que deviam ter magoado a todos os ministros, a divisão do partido conservador que estava trazendo serias difficuldades para o governo, muitas outras occorrenças que não deixavam de ter o seu valor, e que com certeza influíram para a exoneração do ministério.

Não obstante o gabinete 7 de março — procederia melhor, em nosso fraco entender, se fizesse um sacrificio heroico permanecendo mais algum tempo á frente dos negocios publicos. Coberto de tantas glorias, cheio de serviços e de adhesões, fitando horisontes tão illuminados, que cousa mais digna para elles o para a historia politica deste paiz, do que a sua conservação por mais alguns mezes, até que nos dessem a reforma eleitoral, e a do ensino publico, essas duas grandes ideias que já estavam na tela do debate.

Seja como for, não puderam ou illudiram-se julgando que não podiam mais governar. Então deixaram esses illustres cavalleiros o poder, depois que beneficiaram altamente o paiz, e deram mil exemplos de patriotismo e de valor civico.

Não precisamos recordar os serviços do ministério 7 de Março. A nação inteira os conhece. Só diremos que a reforma do elemento servil constitue, ella por si só, um padrão de gloria para o ministério passado, e elevaria n'outro qualquer paiz o governo que a realisasse na estima e na gratidão de todos, sem distincção de cores politica.

Entre nós não foi assim. A ideia vingou, é certo, a religião e a moral exultaram, aquelles que votaram a lei ganharam muito na presença de Deus e dos homens, mas em compensação o martyrio foi longo, houve um partido que conspirou contra a ideia, ha ainda quem se atreva a combatel-a e a negar os excellentes fructos que essa lei tem produzido!

Não seríamos, pois, bom cidadão nem bom amigo das instituições se combatessesemos n'aquelle tempo um governo que tanto se esforçara por ser util ao seu paiz, e si nesta hora solemne não rendessemos a devida justiça á tantos homens benemeritos.

Como liberal e mesmo como cidadão desejavamos que algumas reformas satisfizessem melhor os reclamos da opinião, o garantissem com mais efficacia os direitos e a liberdade de cada um.

Mas por que não ficamos inteiramente satisfeito, não devemos regeitar en-limine os serviços do ministério passado. A imparcialidade está exactamente nisto. Conhecer os erros, expor as faltas dos homens, mas também distinguil-os e acatal-os sempre que o triumpho estiver do seu lado, e o paiz haja alcançada mais algum beneficio.

Uma ultima verdade queremos firmar. Nunca no Brasil um governo teve de lutar com tanta difficuldades e tantos acontecimentos graves e imprevistos como o ministério 7 de março.

O que elle fez por vencer as difficuldades, e os bens que legou ao paiz, não é preciso que recordemos neste momento.

Um liberal.

Typ. de S. NEVES & COMP. — EDITOR, JOAQUIM DA C. TEIXEIRA.